

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

DUAS NOTÍCIAS HISTÓRICAS DA VILA DE CAMPO MAIOR.

CHAVES, Luís

Ano: 1962 | Número: 72

Como citar este documento:

CHAVES, Luís, Duas notícias históricas da vila de Campo Maior. *Revista de Guimarães*, 72 (3-4) Jun.-Dez. 1962, p. 417-433.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães
E-mail: geral@csarmiento.uminho.pt
URL: www.csarmiento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.
<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Duas notícias históricas da Vila de Campo Maior

Pelo Prof. LUÍS CHAVES

I — São Leandro de Sevilha, Padroeiro de um Mosteiro, em um placa visigótica de Campo Maior, hoje no Museu de Elvas.

(Séc. VII)

1 — *Estudo da placa de Campo Maior.*

Com o título de *Restos Visigóticos de Elvas e Campo Maior* publicou Rui de Serpa Pinto em 1932 no número 2 de *A Águia* a notícia de «Placa com inscrição visigótica de Campomaior (Museu de Elvas)» (1). Reproduziu em fotogravura a placa, e apresentou em seguida, separadamente, o desenho da inscrição, formada de dois monogramas.

Referindo-se à leitura, escreveu o autor da notícia: — «Além da leitura do primeiro [monograma]: *MONASTERIO*, não parece fácil a sua interpretação, ficando por ora desconhecido o nome do Santo padroeiro».

Este comentário tem por objectivo reconhecer «o nome do Santo padroeiro». Antes, porém, sirvam-nos outras considerações.

Duas notícias museográficas: — a placa provém de Campo Maior; — está hoje no Museu Arqueológico e Etnológico de Elvas (adjunto à Biblioteca Municipal),

(1) R. de Serpa Pinto, *Restos Visigóticos...*, em *A Águia*; XX Ano, Porto, Fevereiro de 1932, com sep. de 7 páginas.

onde a vi, na sala da entrada, exposta à direita do visitante. Resta averiguar, no entanto, se possível e quando o for, em que lugar e em que circunstâncias a notável peça histórica foi encontrada. Em Campo Maior, verdadeiramente, conforme tem sido afirmado? Dentro do âmbito das muralhas do castelo ou entre estas e a cerca exterior? Ou no termo? Admitamos, como é corrente, que foi encontrada em Campo Maior, na vila ou no seu aro. Isto, porém, até prova decisiva.

A importância da localização do mosteiro não colide com a da inscrição da placa atribuída à vila do Nordeste alentejano. Esta é o que é, e vale pelo que nos denuncia por si. E ela nos ocupa agora.

*

De 27 a 31 de Outubro de 1949, realizou-se na cidade espanhola de Cáceres a «Segunda Asamblea de Estudios Extremeños». Convidado oficialmente a tomar parte nessa reunião por Don Esteban Rodriguez Amaya, do Seminário Diocesano de Badajoz, depois com insistência pela notável cultora da Etnografia Espanhola, que é Nieves de Hoyos (Madrid), e pelo erudito académico e epigrafista português J. M. Cordeiro de Sousa, resolvi-me a enviar um trabalho, na impossibilidade de assistir pessoalmente. Aproveitei para tal fim a notícia da placa ou tábula de Campo Maior — Elvas. Por título: *Exemplar de Arte e de História do Período Visigótico. Lápide leandrina de Campo Maior (Alentejo)*. Verifique-se a sua presença em *Memória y Discursos de la II Asamblea de Estudios Extremeños*, Cáceres (Diputación Provincial de Cáceres, 1949), pp. 124-125.

Tinha o estudo intimamente dupla intenção: — manifestar na assembleia a existência de peça artística, pertencente a corrente decorativa da região de Mérida e circunvizinhanças, extensa a territórios espanhóis e portugueses, confinantes; — integrar o assunto em planeada monografia de Campo Maior, já então em obra que os fados impediram de prosseguir.

Não conservei o original do trabalho, porque até a hostilidade dos acontecimentos fez que se perdesse. Nem aceitei a devolução da cópia enviada a Badajoz,

oferecida pelo já mencionado Don Esteban Amaya, em vista do desejo bem manifesto de a conservar. E, no entanto, era necessário voltar ao caso da história e da leitura da inscrição do exemplar de tábula calcária de Campo Maior.

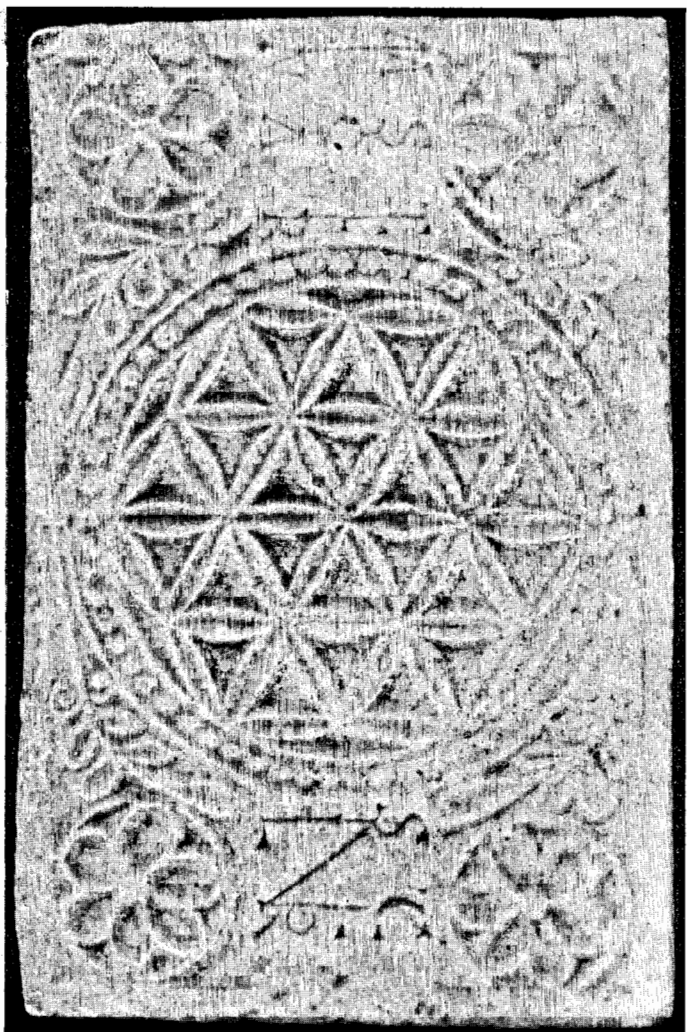
A integração da peça na arte decorativo-alegórica dos visigodos na região a que historicamente pertence, fê-la Rui de Serpa Pinto, baseado nos estudos de Vergílio Correia, Marquez de Lozoya e Gomez Moreno. É trabalho feito, que só poderia ser confirmado, se necessário se tornasse, por outros exemplares concordantes, encontrados posteriormente à observação do autor da notícia primeira em *A Águia*: note-se-lhe, para os devidos efeitos, como se diz em declarações oficiais, a data da notícia, já no princípio indicada: 1932.

*

O empenho agora está na interpretação histórica. A dificuldade encontrada na primeira apresentação, pairava no desconhecimento do Santo patrono do Mosteiro, que era de existência afirmada na primeira parte da inscrição, como Serpa Pinto interpretou justamente (*MONASTERIO*). E, na leitura da outra parte, foi da história visigótica para a inteligência da inscrição e não o inverso, que surgiu a leitura. E apareceu o patrono: *SÃO LEANDRO* (de Sevilha).

Vamos por partes, e, antes de mais nada, reparemos bem na estrutura representativa da placa ou tábula votiva do Mosteiro leandrino.

Seria, todavia, incompreensível a descrição e, mais que isso, o que era ainda pior, tornava-se-nos impossível a interpretação da legenda, que nos ocupa a atenção. É necessária, pois, a presença da reprodução fidedigna, que nos não falta e segue imediatamente. Por ela e por inteiro, como está, pode avaliar-se a beleza sugestiva da composição decorativa e evocadora, para emoldurar com pomposa apresentação a legenda em honra de São Leandro, Arcebispo de Sevilha no derradeiro quartel do século VI, que tamanha influência exerceu na organização eclesiástica e na formação cultural do S. E. visigótico.



A placa leandrina de Campo Maior

Como se verifica pela reprodução da placa ou tábula, esta compõe-se de duas partes: — a *composição decorativa*, — e a *inscrição votiva*.

A) — A composição decorativa é organizada por grande aro central, a toda a altura da placa rectangular: gradeado de sete rosáceas de seis pétalas oblongas, sulcadas rectilineamente no comprimento, radiadas com regularidade, e conjugadas com as vizinhas envolventes, que, assim intrometidas reciprocamente, integram a composição; no perímetro interno da grade floriforme ficam incompletas mais seis rosáceas, reduzidas, porém, a quatro pétalas iguais às interiores, mas integradas ao mesmo jeito nas suas vizinhas: as duas pétalas restantes estão encobertas pelo aro envolvente.

O aro, em feição de grande anel de cinta plana, está regularmente guarnecido de cinquenta e seis pérolas consecutivas, bem pronunciadas.

Nos quatro cantos há outras tantas rosáceas ornamentais de cinco fólios ou pétalas, inscritas em seu círculo, centrado de botão liso; os fólios não têm a disciplina dos que formam a composição central: uns são elípticos, outros ovais, e ainda os há quase circulares. Folhagens rodantes da esquerda para a direita brotam das rosáceas cantonais esquerdas e vão contornar do mesmo lado o aro central; simetrizam-nas outras, que saem dos extremos do diâmetro vertical do círculo do meio, e inversamente às anteriores ramagens, passam tangentes às respectivas rosáceas da direita. As rosáceas cantonais encaixam em molduras quadrangulares: as combinações das partes salientes, rectilíneas ou curvilíneas, com as concavidades correspondentes, imprimem movimento e jogos de luz e sombra à brancura do calcário da lápida.

B) — A inscrição está dividida em duas secções, que se completam na simplicidade extrema da leitura. Ambas ladeiam o círculo central, à esquerda a primeira, à direita a segunda, e estão abertas nas únicas parcelas lisas na superfície da pedra, entre as rosáceas cantonais do mesmo lado, simetricamente.

«As letras são características do alfabeto visigótico maiúsculo», — observou R. de Serpa Pinto. A combinação monográfica delas na formação dos dois grupos,

contidos no conjunto, é espectacular e dificultou a leitura da primeira tentativa.

As dimensões da tábula e das partes principais da decoração manifestam claramente a importância relativa, que a estas foi dada. A tábula é rectangular, como se disse já e vê na gravura. A posição havia de ser a que permitisse a leitura da legenda. Por consequência, o comprimento é medido horizontalmente: 49,5 cm.; a altura, assim, tem 31,5 cm. O diâmetro do círculo central: 27,5 cm.; média dos diâmetros dos círculos cantonais: 9 cm.

A leitura da inscrição, dispostas as letras na sua ordem, é

MONASTERIO

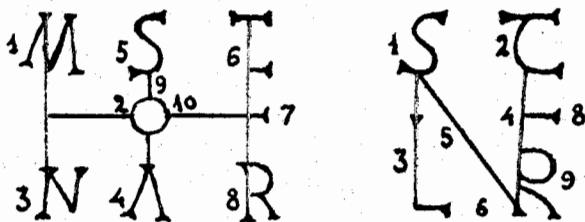
SCT . LEANTER

(à esquerda)

(à direita)

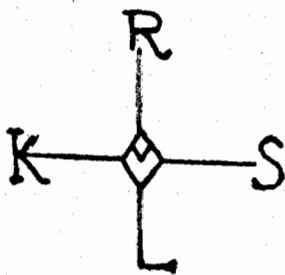
Em vernáculo português: MOSTEIRO [DE] S ã O LEANDRO.

O gráfico seguinte dará facilidades à justificação da leitura da inscrição.

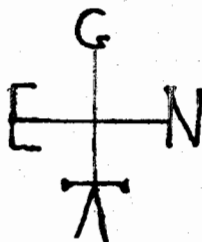


Pela ordem indicada em cada um dos dois monogramas, reconhece-se a formação das duas partes da legenda. Em ambos há uma letra repetida (*O*—2 e 10, no primeiro; *E*—4 e 8, no outro); os *AA* são abertos: visível no primeiro (4); menos, no segundo: este formou-se no largo *N*, que o estrutura; a haste vertical da esquerda tem no cimo o *S* e em dois terços alteia o *L* (3); a haste da direita, ascendente, divide-se pelo *CT* conjugados, pelo *E* no centro (4—8) e pelo *R* inferior (9): a oblíqua interna do *N* dá em baixo (5) o *A* aberto do nome do Arcebispo.

Por curiosidade e por comparação de processos conformativos, observem-se os dois monogramas seguintes: o primeiro contém a assinatura de Carlos Magno (KAROLVS), onde o losango central reúne o *A*, aqui fechado, na metade superior, e o *V* na inferior; o restante encontra-se numa moeda de ouro, encontrada nos campos da Egitânia (a nossa Idanha-a-Velha), e descrita por A. Elias Garcia em *As Moedas Visigódas da Egitânia*; cunhada na vetusta cidade, então importante no reino visigótico, assinala no anverso os reis Egica e Vitiza, associados (696-700), e manifesta no reverso o monograma da cidade: EGITANIA, com o *A* aberto (1).



KAROLVS



EGITANIA

2 — *Comentário histórico: São Leandro.*

Perguntar-se-á, talvez: quem é afinal este São Leandro? Reinava entre os Visigodos o rei Leovigildo (567-586); casou com Teodósia, que era filha de Severiano, de Cartagena, bizantino ilustre; tinha ela por irmão a *Leandro*, que foi Arcebispo da Sé metropolitana de Sevilha (579-600). Prelado culto, unificador, disciplinador, zeloso no apostolado e na vitoriosa expansão do Catolicismo no reino visigótico, onde ainda o arianismo, além de outras heresias, tinha fortes raízes.

(1) A. Elias Garcia, *As Moedas Visigódas da Egitânia*, Castelo Branco, 1938, pp. 21-22.

Teodósia era católica, Leovigildo ariano. A acção dela e a influência do arcebispo Leandro, tanto pelo seu fervor apostólico e penetrante proselitismo, como pelos laços de família com os reis, teriam incutido nos filhos de Leovigildo a inclinação decidida para o Catolicismo: eram Hermenegildo e Recaredo. Quando Teodósia faleceu, o pai contraiu segundas núpcias com Gostintha, que era ariana.

Deste matrimónio resultaram lutas religiosas, perseguição violenta aos católicos, a vindicta contra a corrente depuradora e unificadora do Arcebispo de Sevilha, apoiado na Corte de Toledo. Hermenegildo converteu-se ao Catolicismo em Sevilha, por acção directa da esposa e de Leandro; revoltou-se contra o pai, mas foi vencido, aprisionado e envenenado por fim na prisão, quando resistia às repetidas instâncias para regressar ao arianismo oficial (585). Leovigildo morreu no ano seguinte, sucedendo-lhe o filho segundo, Recaredo, que em 589 se converteu oficialmente ao Catolicismo no terceiro Concílio reunido em Toledo. Leandro contribuiu assim no mais alto grau para a paz religiosa e a unificação completa na monarquia visigótica. Os dois obreiros da vitória final foram Recaredo I, falecido em 601, e São Leandro, em 610 aproximadamente.

Observemos agora neste momento que, por acção de *São Martinho de Dume* no Reino dos Suevos, estes se converteram ao Catolicismo em 559, reinando Requiário. Houve prioridade de trinta anos em relação a igual acontecimento no Reino dos Visigodos, em 589, por acção apostólica de *São Leandro*, no reinado de Recaredo I.

Mons. Miguel de Oliveira, referindo-se às actividades de São Leandro, escreveu na *História Eclesiástica de Portugal* o que segue. — «O clero católico exerceu, como temos visto, influência relevante na civilização visigótica. Além do trabalho dos concílios, atestam a sua cultura numerosas obras religiosas, científicas e literárias.»

E, ainda: — «Cabe o primeiro lugar à escola de Sevilha, com os nomes de *S. Leandro* (— c.610), cujas obras quase totalmente se perderam, e de seu irmão Santo Isidoro, seu sucessor na cátedra metropolitana de

Sevilha (4 de Abril de 636), considerado o último dos Padres da Igreja do Ocidente» (1).

Leite de Vasconcellos, no volume terceiro das *Religiões da Lusitânia*, quando aponta a importância dos Visigodos nas terras hoje de Portugal, e especialmente a que as crónicas dos acontecimentos têm, não indica a bibliografia de São Leandro, mas demora-se na de Santo Isidoro, — *S. Isidoro Hispalense*, séc. VII, «autor de uma *Historia Gothorum Vandalorum Sueborum* de que há duas redacções [...]. A S. Isidoro se deve também um *Chronicão*, de que igualmente se possuem duas redacções (*Chronica maicra*, e *Chronicorum epitome*)» (2).

A obra cultural dos dois irmãos em Sevilha teve alcance tão grande como a que desenvolveram na ordem política da monarquia visigótica. Se São Leandro fundou na sua diocese a Escola da Catedral, o seu sucessor Santo Isidoro ampliou a toda a Espanha o movimento intelectual, quase por exclusiva acção do clero. A Igreja peninsular mantinha e transmitia a cultura clássica na Alta Idade Média, contribuindo assim para a continuidade na civilização mestra da Europa ocidental, interrompida pela irrupção dos Bárbaros.

A Escola da Catedral de Sevilha foi o centro de formação e irradiação do movimento, devido a São Leandro. O próprio Santo Isidoro recebeu a primeira educação.

Da obra, perdida infelizmente, de São Leandro fez menção Santo Isidoro, ao atribuir-lhe autoria de três tratados contra o arianismo, escritos litúrgicos e numerosas cartas.

No quarto Concílio de Toledo, (633), estiveram presentes todos os bispos da Espanha; foi decidido criar seminários em todas as dioceses do Reino. O centro desse imponente movimento intelectual era, como devia de ser pelas provas já manifestadas, a Catedral de Sevilha, e foi Santo Isidoro o principal impulsionador dessa obra.

(1) P. Miguel de Oliveira, *História Eclesiástica de Portugal*, Lisboa, 1940, pp. 37-40 e 46. A transcrição é de pp. 46-47.

(2) Leite de Vasconcellos, *Religiões da Lusitania*, vol. III, Lisboa, 1913, p. 546, texto e nota n.º 3.

Deste impulso de 633 terá saído a criação do Mosteiro — MONASTERIUM — de Campo Maior, denunciado pela placa visigótica, seja ela ou não procedente desta vila, onde se afirma ter aparecido. O titular do Mosteiro, sem dúvida centro cultural de importância na região, foi SÃO LEANDRO. E não é estranho que assim tenha acontecido, por dedicação ou homenagem de Santo Isidoro, e fosse um dos mosteiros-seminários criados em consequência da resolução do Concílio de Toledo. A região de Campo Maior estava próxima da Catedral de Mérida, por ali passava a antiga e aproveitada via romana, que levava de Évora a *Emerita Augusta*; esta situação favorecia as comunicações Évora-Campo Maior-Mérida, o que nos permite aceitar a criação do Mosteiro de São Leandro no território de Campo Maior. Mérida foi sé metropolitana da Lusitânia germânica.

II—A Beata Beatriz e o Beato Amadeu de Campo Maior

(Séc. XV)

Se Campo Maior deu à História de Portugal na acção militar e na expansão ultramarina personagens de elevada categoria, também as teve na espiritualidade cristã e contemplação celeste. E, se notarmos os contrastes humanos de circunstâncias de vida, nas crueldades da guerra, — inevitáveis quanto em acção militar, e nas dedicações religiosas, — especificamente pacíficas em espírito e obra, apesar de umas e outras, cada uma em si e por si, poderem elevar as almas à renúncia, ao sacrifício e à heroicidade, encontraremos, como aqui em Campo Maior, um pequeníssimo recanto do Mundo, o entrelaçamento da grandeza militar com a grandeza cristã.

Desta vila do Nordeste alentejano são dois irmãos, que principiaram a percorrer vida em semelhantes apuros humanos, e igualmente se evadiram para os atraentes horizontes, que Deus abre a quem O procura. Um chamou-se João de Meneses da Silva. A irmã era Bea-

triz da Silva. As famílias de Anes e Rui Gomes da Silva, que foram alcaides-mores de Campo Maior, e de Dom Pedro de Meneses, Conde de Viana e primeiro Capitão da praça de Ceuta, em África, cruzaram-se pelo casamento de Rui Gomes da Silva com Dona Isabel de Meneses, filha do Conde de Viana; do enlace provieram aqueles dois irmãos.

Se Dom Pedro de Meneses avantajou a sua acção militar em Ceuta, mantendo a praça contra os ataques porfiados dos mouros, Rui Gomes da Silva era terceiro filho de Anes Gomes da Silva, descendente de Gonçalo Gomes da Silva e João Gomes da Silva; estes foram partidários do Mestre de Avis e tomaram parte nas Cortes de Coimbra, que em 1385 levantaram ao trono Dom João 1.^o O segundo, pai de Anes Gomes da Silva, esteve em Aljubarrota e Ceuta. Rui Gomes da Silva, que foi fronteiro de Ceuta e conselheiro de guerra, está na relação épica dos «Doze de Inglaterra.»

D. Beatriz ou Brites nasceu em Campo Maior, segundo uns, em Ceuta, segundo outros, todos concordes na data de 1424. D. João de Meneses, o irmão, nasceu à certa em Ceuta, em 1431. Ela faleceu em ar de santidade, no ano de 1490, em Toledo. Ele em 1482, na cidade de Milão. Tiveram vida edificante e de santidade: ela em Espanha; ele em Itália. Beatificados ambos, — João de Meneses é o *Beato Amadeu*, Beatriz ou Brites da Silva é a *Beata Beatriz*: — um e outro com dedicada e justa devoção em Campo Maior.

Mons. Miguel de Oliveira incluiu a *Beata Beatriz* na menção dos «Santos portugueses» no período, que vai de 1385 a 1640, estudado na *História Ecclesiástica de Portugal* (1). Transcrevamos-lhe o passo respectivo.

«A *Beata Beatriz*, nascida de família nobre em Campo-Maior (1424), acompanhou como dama sua prima D. Isabel, neta de el-rei D. João I, quando esta casou com D. João II de Castela. Injustamente maltratada na cõrte, recolheu-se ao mosteiro de S. Domingos-o-Real, em Toledo, até que lhe foi

(1) Mons. Miguel de Oliveira, *História Ecclesiástica de Portugal*, Lisboa, 1940.

doador por Isabel-a-Católica uma casa em que fundou a Ordem da Conceição (1484). A nova Ordem foi aprovada em 1489 pelo papa Inocêncio VIII, e a 9 de Agosto do ano seguinte faleceu D. Beatriz da Silva com fama de santidade. O seu culto foi confirmado por Pio XI, em 28 de Julho de 1926.» (1)

Em outro capítulo, do mesmo período, e no mesmo livro, o parágrafo «Ordem de S. Francisco» alude aos mosteiros franciscanos.

«Nos mosteiros da Ordem de Santa Clara, houve distinção semelhante à de conventuais e observantes; algumas freiras seguiam a regra austera dada por S. Francisco, outras aproveitavam as mitigações concedidas por Urbano IV; daí veio a dupla denominação de *clarissas* ou da primeira regra, e *urbanistas* ou da segunda. Ambas as regras tiveram mosteiros em Portugal. Em 1629, inaugurou-se em Braga o primeiro mosteiro da *Ordem da Conceição*. Esta Ordem, fundada em Toledo no século XV pela Beata Beatriz da Silva, teve a princípio a regra de Cister, depois tomou a de Santa Clara, até que, em 1511, Júlio II lhe deu regra particular, sob governo dos prelados franciscanos.» (2)

*

Duarte Nunez do Leão, na *Descripção do Reino de Portugal*, descreveu os transe da vida de Beatriz de Meneses, no Capítulo XXXXIX com o título de «*De Dona Beatriz da Sylva que instituiu a ordem da concepção em Castella*». (3) Na transcrição integral do Capítulo, manter-se-á inteiramente a forma original da edição de 1610. Apenas, por facilidade na leitura, fica substi-

(1) *Idem, id.*, pp. 240-241.

(2) *Idem, id.*, p. 197.

(3) Duarte Nunez do Leão, *Descripção do Reino de Portugal*, Lisboa, 1610, fls. 80-81 v.

tuído o *u* pelo *v*, cujo real valor é lido sob aquela forma: logo, no título e na primeira linha do traslado, *Sylva* está por *Sylua*, e, depois, *servila* (servi-la) por *seruila*, *inquietava* por *inquietana*, *vivia* por *vinia*, etc. Ainda outra pequeníssima alteração foi a de adaptar a distribuição das vírgulas do texto às exigências ou expressões da pontuação corrente em nosso tempo.

Acentuamos por §§, em numeração seguida, as fases da narrativa biográfica de Duarte Nunes do Leão.

*

— 1 «Dona Beatriz da Sylva, que instituiu a ordem da Concepçam em Castella, foi filha de Rui Gomez da Sylva, Alcaide mór de Campo maior & Ouguella, & de Dona Isabel de Meneses, filha de Dom Pedro de Meneses, Conde de Viana & primeiro Capitam de Septa, & irmam do primeiro Côde de Portalegre, assi como o era o beato Amadeu: porque eram irmãos de pai & de mãe. Era esta dõzella a mais fermosa molher q se sabia em Hespanha, & de mais graças da natureza, & entre as damas q de Portugal foraõ a Castella cõ a Rainha Dona Isabel, filha do Infante Dom Ioam, que casou com el Rei Dom Ioam II, foi Dona Beatriz. A qual por sua grande fermosura pos em tanto espanto os q a viam, que todos os grandes da Corte desejavam de se insinuar em sua graça & servila. Por a qual razam entre elles (como soe ser entre competidores de cousa de muita estima) havia cada dia brigas e arroidos com que a casa Real & a corte se inquietava. Esta donzella, que era honestissima & daquellas brigas nam tinha mais culpa que ser muito fermosa, vivia em extremo anojada, & de boamente trocara sua beldade por a fealdade da mais fea molher do mundo: & rogava continuamente a Deos fosse sua vista aborrecida de todos os homens. Mas a Rainha, que aquelle bõ parecer julgava por culpa ou por enveja q as molheres naturalmãte tem aas outras molheres, que tẽ melhor parecer, tratavaa mui mal & mandou fechar em hũa caxa, na qual esteve tres dias sã lhe darẽ nelles

de comer nem beber. Estando naquella afrôtoza & estreita prisam, chorava muitas lagrimas de se ver tam mal julgada, & fez voto de perpetua castidade. Naqlla mesma agonia lhe appareceo nossa Senhora vestida em hũ mantou azul, & saia & escapulario brâco. — 2 — E determinâdo de se recolher em algũa religião como foi solta, cõ licença da Rainha se recolheo na mesma cidade de Toledo, ôde a corte estava, em o moesteiro de S. Domingos o Real (q̃ he de freiras da ordem do mesmo sancto), no qual no habito secular perseverou por espaço de trinta annos, fazendo vida sanctissima, & de muita abstinencia & grande exemplo. — 3 — E, por ella ser devota da concepçam de nossa Senhora, aa sua honra quis instituir hũa ordem nova, & se passou no anno de mil quatrocêtos & oitêta & quatro cõ doze religiosas aa casa, que agora chamam sancta sé, a que antes chamavam os paços de Galiana, com licença da Rainha Dona Isabel a Catholica, que era filha da Rainha Dona Isabel q̃ de Portugal a trouxera: & se vestiraõ daquelle habito em que nossa Senhora lhe appareceo. Naquella companhia estiveram ate o anno de mil quatrocentos oitenta & nove, em q̃ o Papa Innocencio VIII aa petiçam da Rainha Dona Isabel lhes confirmou o habito & officio da concepçam debaxo da ordem de Cistel, sem lhes confirmar nova ordem, dexandoas debaxo da obediencia do Arcebispo de Toledo — 4 — onde a fermosa & sancta Dona Beatriz acabou no anno de mil quatrocentos & noventa, sendo de idade de 66 annos, com nome de hũa grande sancta que naquelle reino de Castella deixou. — 5 — Depois, pelos tempos se mudou esta ordem, ficandolhe o habito & officio da concepçam como de antes, & a regra de sancta Clara. Mas, ordenando Deos que aquella ordem em tudo ficasse da maneira que Dona Beatriz a instituio, o Papa Iulio segundo tornou a confirmala como a principio era quando Dona Beatriz a instituio, da qual hoje ha muitos moesterios. — 6 — E he muito de considerar os chamamentos, que Deos faz aos homêes: que hũ fidalgo mãcebo muito gêtil homem & louçaõ & q̃ tinha todos seus pensamentos no mundo, & hũa

dama de tão estremada beldade, & tam desejada de tantos grandes com que ella podera vir a ter grande stado, & tão illustres, & irmãos ambos na flor de suas idades em reinos estranhos, fossem instituidores de duas ordens de religião, renunciando o mundo por ganharem o Ceo.»

*

Agora, façamos com João de Meneses o mesmo que foi feito com a irmã: transcrevendo de Nunes do Leão o Capítulo XXXXVIII, *Do beato frei Amadeu*. Poderá perguntar-se: Beatriz da Silva ficou a ser e é conhecida por *Beata Beatriz*, sem alteração do nome anterior: então, por que motivo o irmão passou a ser o *Beato Amadeu*, e não como ela o Beato João? A curta biografia da *Descripçam do Reino de Portugal* responde cabalmente. Quando se afastou do mundo para, desiludido de amores, tomar por dignificação espiritual a vida religiosa em plenitude, escolheu para si o nome, novo mas evocador, de frei Amador; «o qual nome lhe os frades cõverteraõ em Amadeu»; de aí veio para os frades da ordem por ele fundada o nome de «Amadeus». (1)

Como na nota biográfica de Beatriz da Silva, fica também dividida a do irmão por §§, consoante o desenvolvimento do assunto.

*

— 1 — «O beato Amadeu, que instituiu a ordem dos frades Amadeus em Italia, foi filho segundo de Aires Gomes da Sylva, Alcaide mór de Campo maior & Ouguella, & de Dona Isabel de Meneses, filha de Dom Pedro de Meneses, Conde de Viana & primeiro capitam de Septa, & irmão de Dom Diogo da Sylva, primeiro Conde de Portalegre: seu nome

(1) D. Nunez do Leão, *Descripção...*, fols. 79-80.

fora quá no mundo Ioam de Meneses da Sylva. O qual, sendo mui avisado & grande cortesam, se occupou em hũs amores secretos & de alto lugar, segũdo denotava hũa medalha que na gorra trazia, em q̃ estava hũa ara sculpida com hũa letra que dizia IGNOTO DEO, por os quaes se desterrou deste reino, indo delle a Emperatriz Dona Lianor, filha del Rei Dom Duarte, para Italia a casar com o Emperador Frederico III, por cuja camareira mór ou dona de honra dizem que ia hũa irmãa do mesmo Ioam de Meneses. Stando em Italia & resolutos acerca das vaidades do mundo, & onde vão parar os desordenados appetites q̃ a elle inquietavão, — 2 — se fez frade da ordem de sam Francisco da observancia, levando ainda algum pequeno de respecto do mũdo por o nome q̃ tomou de frei Amador, por a afeição que nelle tivera, que nosso Senhor lhe converteu em si, mundandolhe atẽção do amor humano ao divino. O qual nome lhe os frades cõverterão em Amadeu. E tãto se deu naquillo estado q̃ tomou aa cõtemplaçam & aa perfeiçam da vida Spiritual, que o spiritu de Deos o arrebatou de entre os homẽs, — 3 — & o levou ao ermo, impetrando do Papa hũa ermida, q̃ stava em Roma no Vaticano chamado, S. Pedro Mõtorio, lugar onde o Apostolo sam Pedro foi degolado. Naquella ermida fez vida sanctissima & de grãde aspereza muitos annos. E, por a vizinhança que a ermida tinha com o paço Pontifical, foi sempre dos Papas & Cardeaes mui conhecido & estimado sem de sua origem saberem nada. — 4 — E acontecendo que el Rei Dom Afonso Quinto de Portugal, a instancia do Papa Xisto III, mandou hũa armada contra os Turcos, que tinham tomado a cidade de Otranto no reino de Napoles, & por Capitam della Dom Garcia de Meneses, Bispo de Evora & da Guarda, fallando o Bispo hum dia com o Papa lhe perguntou se conhecia frei Amadeu, & dizendolhe elle que nam, lhe deu o Papa conta de sua vida & da muita cõta em que todos o tinham, isto moveo ao Bispo a ir a sam Pedro visitar frei Amadeu: na qual visitaçam se conheceram por primos cõirmãos, com muitas lagrimas que a razam do sangue lhes moveo. Porque o Bispo era filho de Dom Duarte

de Meneses, Conde de Viana, filho natural do dito Dom Pedro de Meneses, Capitam de Septa, & irmão da mãe do dito frei Amadeu. Veose depois a fazer naquella ermida, aa petição de frei Amadeu, hum moesteiro da observancia em que elle fez vida sanctissima, — 5 — & compos livros de cousas spirituaes. — 6 — Depois fez elle algũs moesteiros de sua cõgregaçam, para o que lhe passou o mesmo Papa Xisto (que lhe era mui affeioado) muitos privilegios somettendo se aa regra de sam Francisco da observancia. — 7 — Este sancto varam, havendo padecido muitos trabalhos & persecuções, veo a fallecer aa cidade de Milam no seu moesteiro, chamado sancta Maria da Paz, o anno de mil quatrocentos oitenta & dous, onde está sepultado & dizem fazer muitos milagres. Os frades daquella congregaçam se chamam Amadeos, & se vestem de pardo obscuro, & trazem socos de pao. Dos quaes ha em Italia vinte conventos, que a outras provincias nam se estendem. Mas o Papa Pio Quinto unio esta congregaçam & a que chamam dos Chirinellos com a dos Zocolandes.» (1)

Em Campo Maior é prestado culto paroquial à Beata Beatriz da Silva, que tem altar com a sua imagem na igreja matriz de uma das freguesias da vila, e nichos abertos em fachadas de casas.

(1) Notas cronológicas, respeitantes a personalidades mencionadas no texto, da *Descripção de Portugal*: — Xisto IV, 1471-1484; — Inocêncio VIII, 1484-1492; — Júlio II, 1503-1515; — Pio V, 1566-1573; — D. Garcia de Meneses, Bispo de Évora, falecido em 1484, e Administrador do Bispado da Guarda até essa mesma data. — D. João I, 1385-1433; — D. Duarte, 1433-1438; — D. Afonso V, 1438-1481. — Beata Beatriz da Silva, 1424-1490; — Beato Amadeu, ?-1482.